



A dimensão social da evangelização:
A Práxis de Jesus do amor inclusivo a todos, Doutrina Social da Igreja
e história SSpS de inclusão social

de Irs. Mary John Kudiyiruppil e Carmen Elisa Bando SSpS

Inclusão Social:

A BÍBLIA PODE INSPIRAR?

“*Abertura aos outros continua sendo a característica do povo de Deus que faz sua glória brilhar entre as nações.*”



“*O que distingue o povo de Deus não é ser uma raça escolhida, mas ser o recipiente de infinita misericórdia e cuidado.*”

Uma leitura aleatória de alguns dos livros do Antigo Testamento parece indicar exclusão social em vez de inclusão. Israel é a raça escolhida, todas as demais nações e povos são vistos em sua relação a Israel. É tema recorrente que perpassa qual um fio que tece as diferentes peças da compreensão de Deus, de si mesmo e dos outros, por parte de Israel. Esta ideia é retomada sinteticamente no conceito de “eleição” – conceito central na compreensão de si mesmo de Israel como povo escolhido por Deus e todos os demais em e através da instrumentalidade do povo escolhido por Deus. Poucas referências vão elucidar esta reivindicação:

“*Vocês serão minha propriedade particular entre todos os povos, pois a terra inteira me pertence*” (Ex 19,5). Ideia semelhante se repete: “*Pois você é um povo consagrado a Javé, o seu Deus, pois ele escolheu você entre todos os povos da terra*” (Dt 7,6). Alguns capítulos adiante vemos ecos de sentimentos parecidos: “*Quando o Altíssimo repartia as nações ... a porção do Senhor foi Israel*” (32,8-9). Em Ezequiel 36,23 lemos: “*Quando eu mostrar a minha santidade em vocês diante deles*”. O braço poderoso de Deus age em favor de seu povo e à vista de todos os outros povos (Is 52,10). Os Salmos – oração de Israel – estão repletos de invocações a um Deus cujo cuidado especial por eles os coloca à parte como “nós” e “eles” com direitos e deveres consequentes. Em resumo, Israel sabe ser o povo escolhido de Javé e vê as demais nações em relação a e em vista de Israel.

Mas, indo mais a fundo na tradição profética do AT, torna-se muito claro que ser escolhido por Deus não dá privilégios ao povo de Israel. Abertura aos outros continua sendo a característica do povo de Deus que faz sua glória brilhar entre as nações. Em claro contraste ao sentimento de “eleito”, temos o conceito de “universalismo” que porta semelhança próxima com o conceito de comunhão. Conforme esta noção, todas as nações, não apenas Israel, andarão à luz da glória de Deus; todas são abraçadas pelo amor universal de Deus. Olhemos alguns textos:

“*Eu lhes darei na minha casa, dentro de minhas muralhas, um lugar e um nome que valem mais do que filhos e filhas*” (Is 56,5). “*É muito pouco você tornar-se o meu servo, diz o Senhor*” (Is 49,6); “*Por acaso, israelitas, para mim vocês são diferentes dos cuchitas? Eu não tirei Israel da terra do Egito como também tirei os filisteus de Cáftor e os arameus, de Quir?*” (Am 9,7).

Conforme este esquema, a experiência do Êxodo é como o de qualquer outra experiência migratória; qualquer terra é Terra Prometida e reis pagãos são tão bons quanto os de Israel. Uma das características de Deus é a de sair em comunhão com os pobres e excluídos (Ex 3,7). Os livros do Êxodo e dos profetas estão cheios de alusões à compaixão e cuidado de Deus para com quem sofre fome e injustiça (Ex 22,22; Lev 19,34). Em última análise, o que distingue o povo de Deus não é ser uma raça escolhida, mas ser o recipiente de infinita misericórdia e cuidado. O que permanece é a universalidade do amor de Deus diante da universalidade da miséria humana.

A PRÁXIS DO AMOR INCLUSIVO DE JESUS

Passando ao Novo Testamento, devemos admitir que Jesus exerceu seu ministério com os Judeus e em favor de Israel. Mas, tendia a sacrificar uma postura rígida de identidade em favor de prioridades maiores tais como inclusão, compaixão e comunhão. Um relance aos traços salientes da missão de Jesus de comunhão com os pobres e marginalizados vai ilustrar mais ainda este fato.

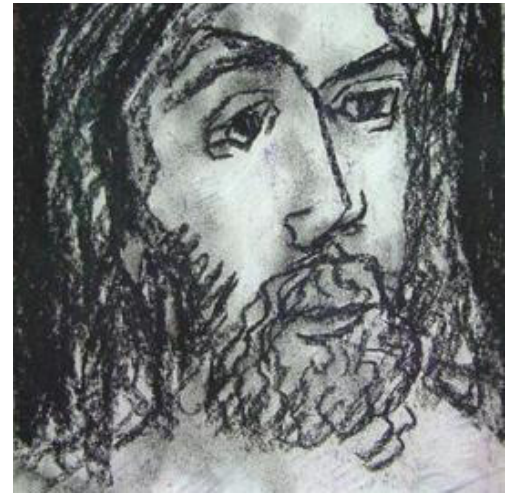
O relacionamento íntimo de Jesus com Deus: Chamar Deus de *Abba, Pai*, é o exemplo por excelência de profunda comunhão com Deus. A oração “Pai Nosso” e numerosas outras instâncias de sua relação com o Pai representam um Deus intimamente próximo de seu povo.

“Tendia a sacrificar uma postura rígida de identidade em favor de prioridades maiores tais como inclusão, compaixão e comunhão.

A compaixão de Jesus pelo povo nas periferias: Pela associação constante com pecadores e coletores de impostos, pela camaradagem à mesa e por toda gama de seu ministério, Jesus expande as fronteiras do Reino para incluir os da periferia (Mt 9,10; 11,19; Mc 2,15-17; Lc 7,31-35). Jesus escolheu a Galiléia – terra desprezada e zombada

pelo estabelecimento – como local de seu ministério. A atitude livre e aberta de Jesus com as mulheres, mantendo discussões teológicas com elas (Jo 4,24), incluindo-as em sua comunidade e aceitando seus gestos de amor e afeto foram ações tabu para um líder religioso (Lc 8,2-3). Mesmo assim, são passos corajosos na direção do alargamento do círculo de comunhão.

Interpretasi Yesus tentang hukum: Sua quebra intencional do Sábado manda uma mensagem poderosa sobre sua ordem de prioridades e coloca a pessoa humana acima de tudo. O Sábado é subordinado à necessidade humana de alimento e de integridade e



saúde. O homem com a mão seca (Mc 3,1-6) e a mulher encurvada (Lc 13,1-17) são curados no Sábado. Subordina leis opressoras a questões mais importantes como a justiça, misericórdia e compaixão. O ministério do Reino de Jesus dissolve a alienação, derruba o muro de hostilidade e exclusão e coloca o paradigma de uma missão universal e unificadora.

A missão de cura e exorcismo de Jesus: Estes milagres ajudam a definir sua práxis de inclusão. Pessoas excluídas da principal corrente da sociedade por males físicos ou aflições psicológicas são trazidas à experiência de um Deus que é a resposta última a seu sofrimento e lágrimas. Ao expulsar demônios (Lc 11,20; Mt 12,28), Jesus se proclama com o poder da bondade que vence Satanás e suas forças diabólicas e inaugura uma nova era do amor inclusivo e universal de Deus.

Doutrina Social da Igreja

E PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL

Seguindo o exemplo e ensinamento de Cristo, a Igreja sempre encontrou nele a inspiração para chegar aos outros em justiça e amor. O Concílio Vaticano II afirmou que “as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens de nosso tempo, especialmente dos pobres e dos sofredores, são também a alegria e esperança, tristeza e angústia dos discípulos de Cristo” (GS 1).

“*As alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens de nosso tempo, especialmente dos pobres e dos sofredores, são também a alegria e esperança, tristeza e angústia dos discípulos de Cristo.*”

A Doutrina Social da Igreja (DSI) se enraíza na própria História da Salvação. Ao vivermos nosso compromisso social por causa de nossa fé, sabemos que nossa prática social pertence inseparavelmente à História do Povo de Deus. Suas raízes estão na Palavra de Deus, em Jesus e sua atenção aos marginalizados e excluídos, na pregação do Reino e na experiência e testemunho das primeiras comunidades Cristãs,

que continuam depois nos ensinamentos dos primeiros Padres da Igreja. Inicialmente, a Igreja ofereceu seu serviço à caridade e assistência social sem questionar muito as causas que produzem as desigualdades às quais tentava responder.

Depois, a experiência e doutrina acumuladas cimentaram a doutrina moral que começou a ser organizada sistematicamente pelo fim do século XIX com a Encíclica *Rerum Novarum* escrita pelo Papa Leão XIII (1891), conhecida pelo nome de “Doutrina Social” ou “Doutrina Social da Igreja”, um conjunto de

princípios para reflexão, critérios de julgamento e orientação para a ação.

Em 2004, o Conselho Pontifício de Justiça e Paz compilou sistematicamente o rico e precioso tesouro da Doutrina Social Católica e o publicou num *Compêndio de DSI*.

Resumindo, a DSI é:

- *Um corpo de doutrina desenvolvido dentro da Igreja como resposta histórica a problemas econômicos e sociais, que objetivamente se estende a todo o panorama das realidades temporais que formatam e condicionam a vida da pessoa humana na sociedade e seu relacionamento com a Criação.*
- *Uma parte essencial da evangelização. A mensagem social do Evangelho não deveria ser considerada uma teoria, mas, acima de tudo, um fundamento e estímulo para a ação (CA 57) que será credível somente pelo testemunho (Tiago 2,14-18 – CA 57 – SRS 41).*

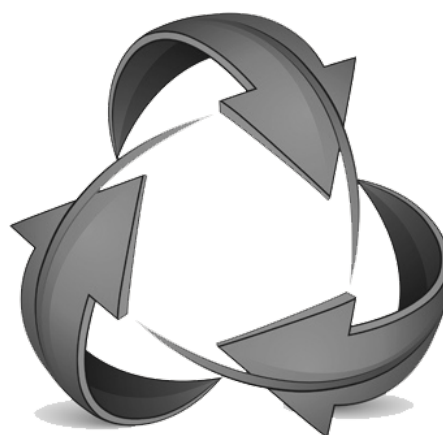
TABELA DA FUNÇÃO DOS DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS E CONCILIARES SOBRE DSI

Ano	Documento	Autor	Tema Principal
1891	Rerum Novarum (RN)	Leão XIII	Questão trabalhista, direitos do trabalhador
1931	Quadragesimo Anno (QA)	Pio XI	Nova ordem social: abismo entre ricos e pobres
1961	Mater et Magistra (MM)	João XXIII	Crítica o abismo crescente entre nações ricas e pobres.
1963	Pacem in Terris (PT)	João XXIII	Chamado a construir a paz em princípios éticos.
1965	Gaudium et Spes (GS)		Diálogo com o mundo, reformula o relacionamento entre a Igreja e a comunidade política.
1967	Populorum Progressio (PP)	Paulo VI	Desenvolvimento Autêntico e integral
1971	Adveniens Octogesima (AO)	Paulo VI	Sociedade pós-industrial: reflexão crítica das ideologias subjacentes na força dos modelos sócio-econômicos.
	Justiça no Mundo	Sínodo dos Bispos	Sobre as injustiças no mundo
1981	Laborem exercens (LE)	JP II	Chave central da questão social: trabalho humano.
1987	Sollicitudo Rei Socialis (SRS)	JP II	Atualiza e aprofunda o tema do desenvolvimento
1991	Centesimus anno (CA)	JP II	Sobre a ineficácia do capitalismo e Marxismo, compromisso com uma sociedade baseada na participação, democracia e trabalho livre.
2009	Caritas in veritate (CV)	Bento XVI	A justiça deve se aplicar a todos os aspectos da vida econômica
2015	Laudato Si (LS)	Francisco	Ecologia Compreensiva, os seres humanos estão conectados entre si e com toda a criação.

Junto aos documentos pontifícios, também encontramos numerosos documentos e iniciativas das Conferências Episcopais, bem como de teólogos de diferentes lugares do mundo que nos ajudam a obter uma compreensão mais profunda das questões sociais.

Esta é uma questão complexa por estar relacionada às constantes mudanças na sociedade, aos princípios éticos e à necessidade constante de discernir a ação de Deus em nossa história humana. A DSI propõe princípios que visam à criação de relacionamentos sociais, econômicos e políticos ‘corretos’ e à construção de estruturas e instituições sociais baseadas na justiça e respeito pela dignidade humana. Os princípios chave são:

- Primazia da pessoa humana
- Princípio da solidariedade
- Princípio da subsidiariedade
- Direito / dever de participação democrática
- O bem comum, sem negligenciar a responsabilidade ambiental
- Primazia do trabalho acima dos benefícios do capital
- Destinação universal dos bens
- Defesa da vida
- Opção preferencial pelos pobres
- Luta por justiça
- Exercício da liberdade e liberação das estruturas de pecado
- Paz, fruto de Justiça



A Igreja responde às questões sociais aplicando um método indutivo conhecido como Círculo Pastoral: **VER, JULGAR e AGIR.**

Ver: perceber a realidade com sensibilidade, inteligência, para aprender e entender os problemas, situações de injustiça, as causas, os fatores e mecanismos que as produzem. Para analisar o que vemos, precisamos da ajuda das ciências humanas e sociais.

Julgar: nossa fé no Deus Uno e Trino nos dá a luz para ler e interpretar a realidade para discernir o plano de Deus na vida concreta das pessoas, povos e criação. Precisamos ouvir a Palavra de Deus, refletir sobre a mesma e a DSI, especialmente pelos olhos dos pobres e marginalizados. É importante perceber que todo o processo – não apenas a reflexão – é um ato teológico.

Agir: colocar a fé em ação, tornar concretas nossas escolhas em linha com os valores do Reino de Deus. Trata-se de práxis.



E INCLUSÃO SOCIAL

Não podemos racionalizar ou justificar nossa tradição e história na busca de apoio à nossa comunhão com os marginalizados e excluídos, pois o cuidado e a proximidade aos pobres pertence à estrutura e caráter interno de nosso ser Cristão.

É o *sine qua non* do discipulado. O convite de alargar o círculo da comunhão vem diretamente do convite evangélico de seguir Jesus. Por isso, nesta seção não buscamos no nosso passado motivos para defender nossa comunhão com os pobres e excluídos; mas olhamos os abundantes e encorajadores exemplos em nossa história e tradição que mostram que as atuais Direções Capitulares não estão isoladas, mas são extensões dos valores e objetivos fundacionais da Congregação. Nossa história está repleta do processo permanente de alargar o círculo para abraçar os que estão à margem e fronteiras. Precisamos apenas ler os documentos do Capítulo Geral para traçar a trajetória Congregacional de inclusão e abertura que guiou nossas decisões.

Dito isto, pode parecer presunção buscar em Pe. Arnaldo e nossas Madres um elaborado corpo de ensino social ou um posicionamento claro sobre inclusão social. Não vamos encontrar grandes e calorosos discursos na boca da geração fundante sobre justiça social ou comunhão com os marginalizados; o que encontramos são obras, decisões, serviços de caridade da comunidade de Steyl que implacavelmente alargou seu círculo para além do confinamento de Steyl para abraçar as preocupações e necessidades dos pobres, especialmente nas missões.

Não resistindo à industrialização e à conseqüente explosão econômica, a Europa tinha muitos pobres na época de Arnaldo. O Seminário Missionário em Steyl foi um refúgio para os pobres e necessitados onde suas necessidades físicas e psicológicas eram atendidas com respeito. A generosa e digna distribuição de comida e roupa aos necessitados era um ato de amor querido ao coração do Fundador. A Casa Missionária em Steyl se tornou fornecedora regular de provisões para os necessitados da redondeza, especialmente no inverno quando a necessidade era maior. É importante notar que os pobres que batiam à porta não eram apenas tolerados, mas buscados nos arredores e uma lista era compilada. Sua íntima ligação com os Vicentinos e o convite ao amigo Vicentino Medits para ser mestre de Noviços em Steyl, testemunham eloquentemente o fato de Arnaldo querer que os jovens candidatos ao sacerdócio (e Vida Religiosa) fossem formados em profunda compaixão e proximidade com os pobres e marginalizados.

“*Olhamos os abundantes e encorajadores exemplos em nossa história e tradição que mostram que as atuais Direções Capitulares não estão isoladas, mas são extensões dos valores e objetivos fundacionais da Congregação.*”

ALARGANDO O CÍRCULO DE COMUNHÃO

A vocação feminina, sendo não-clerical por natureza, a coloca numa posição mais vantajosa para a exploração de meios para chegar às pessoas que vivem na pobreza e na exclusão. As mulheres primariamente viram sua vocação como religiosas, em vez do profissional e é este caráter de seu

“
*Santo amor a
Deus não consiste
em sentimentos
piedosos, mas em
motivações e ações.*

trabalho e serviço que as coloca bem no meio do povo onde as realidades da vida se desdobram. Se a caridade da Igreja brilhou mais que sua doutrina, foi graças principalmente às mulheres religiosas e seus extensos serviços humanitários e sociais através de estruturas formais e não formais.

Problemas de pobreza, fome e violência eram questões de gênero que precisavam ser endereçadas principalmente por mulheres, por terem acesso às camadas da sociedade largamente inacessíveis aos homens. O cuidado dos enfermos que caiu quase exclusivamente ao domínio das mulheres, lares para crianças, idosos e mulheres com desabilidades foram o local primário de sua missão e apostolado.

Helena Stollenwerk veio de uma família de gerações mistas e de relacionamentos mistos com algumas deficiências físicas, o que a dotou desde cedo com o dom de profunda compaixão, especialmente para com os doentes. Também Hendrina Stenmanns achou um jeito de chegar aos doentes escondidos e necessitados da sua vila. Nossas Co-fundadoras, que passaram cerca de sete a oito anos na cozinha do seminário missionário como empregadas antes de serem aceitas como postulantes, tiveram uma experiência de primeira mão do que significa estar à margem.

Desde o começo, a colaboração na pastoral dos retiros em Steyl colocou as Irmãs em contato direto com o povo e suas necessidades. A

preparação ao serviço missionário e envios missionários à Argentina, Togo, Papua Nova Guiné, Estados Unidos e Brasil tinham uma só meta: tornar conhecido o amor de Deus a todos os povos, especialmente aos que vivem na pobreza – seja privação material ou pobreza espiritual. Invariavelmente colocou nossas missionárias pioneiras na educação e na saúde – duas áreas convencionais de apostolado e suas ramificações: educação informal, programas de alfabetização de adultos, saúde e projetos de higiene, especialmente para mulheres e crianças, serviço entre a população negra, ação pela igualdade racial, direitos das crianças, orfanatos, leprosários, lutas pela liberdade e programas de auto-empoderamento, para mencionar alguns. Sucessivas iniciativas missionárias seguiram basicamente o molde das cinco primeiras missões. As primeiras Constituições SSpS esclarecem muito bem: “Santo amor a Deus não consiste em sentimentos piedosos, mas em motivações e ações” (1ª Santa Regra SSpS, 1891).

As duas Guerras Mundiais (1ª: 1914-18 e 2ª: 1939-45) foram como cadinhos onde a lealdade nacional e internacional das SSpS foi testada e tentada. Esquecendo seus inimigos nacionais, nas missões as SSpS trabalhavam juntas para alargar as fronteiras de patriotismo estreito, posicionando-se juntas contra as atrocidades da guerra. Ter Irmãs dos países “inimigos” vivendo juntas sobre o mesmo teto e vivendo com Irmãs que perderam familiares

na guerra, constantemente as desafiava a olharem além de seu círculo imediato e conhecido para aprofundar valores de unidade e solidariedade na comunidade. O contato com as duras realidades do sofrimento, doença e ignorância durante a Guerra moldou as Irmãs e sua atitude de abraçar todas as pessoas com coragem, abertura e compaixão. A presença e os serviços SSpS durante as Guerras não apenas ajudou a melhorar o cenário físico de sofrimento e doenças fora, mas também quebrou blocos mentais internos de orgulho e preconceito, para se unirem como uma família. Estima-se que durante a Primeira Guerra Mundial, em torno de cento e cinquenta SSpS se dedicaram exclusivamente ao cuidado das vítimas de guerra. Um número ainda maior deu seu serviço dedicado durante a Segunda Guerra Mundial. Isso significou interrupção de rotina normal

e regular de liturgia, descanso e regras do convento para acomodar pessoas e famílias e iniciar apostolados voltados para o povo, incluindo aspectos humanos e sociais de vida.

Alargando o círculo é um processo permanente que envolve corações e mentes e trabalho duro. Como Congregação temos a sorte de ter estruturas e programas intrinsecamente incorporados à nossa organização e planejamento que fornecem uma atmosfera que naturalmente conduz à solidariedade e apoio. O caráter internacional e intercultural da Congregação, os programas comuns, oportunidades de formação e experiências inter-culturais, contato real e direto com os pobres nas missões e as Direções Capitulares nos colocam na rota certa para alargar o círculo de comunhão com os marginalizados e excluídos. Estruturas favoráveis, claro, não garantem necessariamente a comunhão, mas nos coloca numa caminhada com outros que seguem o mesmo objetivo.

“*O contato com as duras realidades do sofrimento, doença e ignorância durante a Guerra moldou as Irmãs e sua atitude de abraçar todas as pessoas com coragem, abertura e compaixão.*”

Pontos para reflexão e ação

1. Partilhe suas inspirações significativas deste material de reflexão.
2. Quem eu incluo no meu círculo interior pessoal? Por que? Quem eu excluo? Por que?
3. Que esforços estou disposta a fazer para alargar meu círculo neste ano de comunhão com os marginalizados e excluídos?
4. Identifique pessoas, grupos ou situações de exclusão social em sua localidade. O que você/sua comunidade fizeram sobre isto?
5. Minhas/nossas respostas se inspiram na DSI? Estamos familiarizadas com as reflexões/contribuições teológicas locais sobre Questões Sociais?

Tradutora: Dr. Noêmia Sulzbach, SSpS